

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

Bibiana Barbosa de Souza¹

Mariana Barbosa de Souza²

RESUMO

O estudo que ora se apresenta tem a pretensão de demonstrar, quão grande a importância do conhecimento científico – permitir que outras pessoas possam indagar, buscar respostas, enfim sejam levadas ao questionamento do que às intriga e às tornam curiosas. O conhecimento científico alimenta-se e se mantém pela sua capacidade de formular perguntas e buscar desafios diante de uma realidade que torna a perplexidade do ser humano a sua possibilidade de interferência, preponderância e modificação do espaço real, onde esta inserido. O método de abordagem é dedutivo e o método de procedimento monográfico com técnicas de pesquisa bibliográfica e documental. O enfoque principal do artigo está na análise da importância do espaço físico escolar no ensino e na aprendizagem.

Palavras-chave: conhecimento científico, espaço real, pessoas, realidade.

ABSTRACT

¹ Pós-graduanda em Supervisão educacional pela Universidade Leonardo da Vinci-UNIASSELVI e pedagoga pela Faculdade Cenecista de Osório-FACOS. Endereço eletrônico: bibiannabs@hotmail.com.

² Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC; Professora do ensino superior na Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI e na Faculdade Avantis. Bacharela em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Endereço eletrônico: marisouza_10@hotmail.com.

The study presented here purports to show how great the importance of scientific knowledge - allow others to question, seek answers, finally are brought to the question of what to intrigue and to become curious. The scientific knowledge is nurtured and maintained by their ability to ask questions and seek challenges facing a reality that makes the perplexity of their human interference, dominance and modification of real space, where it entered. The method of approach is deductive and the method of procedure with techniques monographic literature and documents. The main focus of the paper is the analysis of the importance of school physical space for teaching and learning.

Keywords: scientific knowledge, real space, people, reality.

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido visa apresentar o espaço escolar — no qual grande parte de nossas crianças e jovens passam seu tempo e que pode permitir aprender muitas coisas, e não somente dentro da sala de aula, mas em todos os ambientes. A estrutura física da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança, revelam muito sobre a vida que ali se desenvolve ou que se quer desenvolver. Desta forma pensou-se estudar e observar o que o Espaço Escolar revela.

Entre muitos assuntos que giram em torno de questões gestoras de uma instituição educacional, uma das que mais me chamaram a atenção é a do Espaço Escolar, o que o mesmo representa, como ele é utilizado pelos gestores, qual legislação e documentos existem sobre Espaço e se os mesmos são cumpridos.

Este estudo usou como coleta de dados a observação na Escola, a análise da Legislação Municipal, Nacional e documentos como o PPP e Regimento escolar, focando na relação do mesmo com o tema.

A pesquisa e a construção deste artigo pretendem auxiliar professores e gestores a terem um olhar diferenciado para o espaço que se tem, para o já

conhecido, de modo a fazer diferente e melhor (objetivo geral). Com essa pesquisa deseja mostrar-se que como se vê, o chão e as paredes também ensinam. Disponibilizando ao profissional da educação, um estudo referente ao espaço escolar que auxilie, em sua prática de trabalho, o conhecimento da legislação sobre espaço escolar (objetivos específicos).

Espaço escolarXaprendizagem

A organização do tempo e dos espaços escolares é e depende da construção humana que foi elaborada no decorrer da história e que, portanto, expressa as relações sociais que os mesmos têm e se estabelecem, podemos pensar a possibilidade de mudanças na estrutura do espaço das escolas de modo a se tornarem espaços que favoreçam o processo de desenvolvimento e formação das crianças, respeitando-as como sujeitos de direitos.

Mayumi de Souza Lima (1989; 1994; 1995) defende a importância da qualidade do espaço na educação das crianças, no sentido de proporcionar um espaço que, ao invés de *confinar* a infância no interior da escola, proporcione as condições mais favoráveis para o processo de desenvolvimento da criança. Partindo de reflexões sobre o desaparecimento, nos centros urbanos, (em decorrência de uma expansão das cidades acompanhada pelo crescimento da violência e do desrespeito com o ser humano... As crianças começam a ficar mais em casa) - de espaços públicos de aprendizado coletivo onde antes as crianças podiam circular e brincar. Esta arquiteta defende que, na realidade brasileira, o espaço escolar tem se tornado um candidato potencial a ocupar o lugar de convívio e produção de cultura entre as crianças.

Se ainda acreditamos na escola como espaço da infância, como este tem se apresentado em nosso País? São estes espaços dignos de abrigar nossas crianças? São capazes de atender as necessidades infantis? Foram indagações deste tipo que levaram Mayumi Lima a questionar a qualidade funcional e construtiva do espaço escolar, denunciando a falta de cuidado dispensado pelos governos com relação aos espaços educativos, pois estes não garantem nem o

mínimo das condições necessárias e favoráveis para o desenvolvimento da criança.

Mayumi Lima afirma que em nossa sociedade o espaço é organizado, distribuído e direcionado pelos que detêm o poder e os usuários não tem voz para expor suas expectativas, necessidades e desejos. Assim também acontece com os espaços destinados à criança. O poder, primeiro, da sociedade de classes, segundo, das instituições representativas dessa sociedade e, terceiro, dos adultos em geral, se apodera do espaço da criança e o transforma num instrumento de dominação.

A organização e distribuição dos tempos e espaços escolares representam o poder exercido pelo adulto sobre a criança. À primeira vista, não é possibilitado à criança o exercício de participação e proposição de alternativas para a organização do seu próprio espaço, de modo que possa ocupá-lo e transformá-lo em *lugar*. Segundo o Telecurso - Ensino Médio (LUGAR E ESPAÇO GEOGRÁFICO), 2010:

LUGAR: Está relacionado a espaços que nos são familiares, que fazem parte da nossa vida. Nossa identidade sempre se remonta ao nosso lugar de origem.

ESPAÇO GEOGRÁFICO: Resultado de um passado histórico, das características sociais, de população e economia de um lugar. Um conjunto de lugares e sua relação com outros lugares caracterizam o espaço geográfico.

Como observa Escolano (1998), o espaço escolar expressa e reflete determinados discursos, além de representar um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem. Quando crianças, internalizamos as primeiras percepções do espaço, desenvolvemos nossos esquemas corporais e acomodamos nossos biorritmos aos padrões estabelecidos pelas organizações próprias do tempo escolar.

Ao recordarmos nossas experiências escolares, pensarmos como eram as escolas de antigamente podemos perceber que os espaços não são estruturas

neutras mas sim, construções sociais que aprendemos e que condicionam as significações de aprendizados e os modos de educação.

Assim, se defendemos a escola como lugar privilegiado da infância em nossa sociedade, precisamos repensar a construção, organização e ocupação dos edifícios escolares, precisando sim repensar a importância das condições dos *lugares* escolares para que possamos permitir que seus usuários se apropriem e vivenciem o espaço e as práticas ali desenvolvidas de modo a transformá-lo em *lugar*. Um *lugar* cheio de sentido, que desperte o gosto pelo saber e que permita as crianças vivenciarem sua infância juntamente com seus pares.

Demonstrando ser um sujeito do seu tempo, Mayumi Lima(1989), propõe transformar o tempo e o espaço escolares em tempo e espaço da infância pautada na idéia da participação efetiva das crianças na manutenção e construção dos espaços escolares. Não subestimando que as dificuldades técnicas e materiais de construção de um espaço ultrapassam as possibilidades de uma criança, esta arquiteta defende que a manifestação da criança bem como a sua participação deveriam merecer atenção dos educadores e arquitetos responsáveis pela construção de espaços para as crianças. Mas para que isto seja possível, é necessário que os adultos possibilitem à criança o exercício da participação, um direito garantido na Convenção dos Direitos das Crianças de 1989.

Para que a criança se aproprie da escola, transformando este tempo e espaço também em lugar da infância, é necessário que à ela seja permitido deixar suas marcas, seja através de uma pintura na parede, um desenho no chão ou participando da discussão, definição e organização destes espaços, enfim, dando-lhe oportunidades de opinar e discutir suas idéias e desejos.

Assim, uma escola construída e organizada com as crianças precisa respeitá-las enquanto sujeitos de direitos, garantindo no seu interior direitos básicos como: direito a educação, ao brincar, a cultura, a saúde e a higiene, a uma boa alimentação, à segurança, ao contato com a natureza, à espaços amplos por onde possa se movimentar, ao desenvolvimento da criatividade e da

imaginação, ao respeito à individualidade e desenvolvimento da sua identidade, enfim, o direito a uma infância cheia de sentidos.

O homem é um ser que faz questionamentos existenciais, e que tem que interpretar a si e ao mundo em que vive, atribuindo-lhes significados. Cria representações significativas da realidade, as quais chamamos conhecimento.

O conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado em diversos tipos como, por exemplo, mítico (valorativo, inspiracional, sistemático, não-verificável, infalível, exato), empírico ou ordinário (valorativo, reflexivo, assistemático, verificável, falível, exato), dogmático (valorativo, racional, sistemático, não-verificável, infalível, exato) e científico (real – factual, contingente, sistemático, verificável, falível, aproximadamente exato) – “[...] o conhecimento científico se apresenta em níveis: o conhecimento popular ou empírico, o conhecimento religioso ou teológico, o conhecimento filosófico e o conhecimento científico.” (TAFNER; SILVA; WEIDUSCHAT, 2007, p. 125)

O conhecimento científico é o que é produzido pela investigação científica, através de seus métodos. Surge não apenas da necessidade de encontrar soluções para problemas de ordem prática da vida diária, mas do desejo de fornecer explicações sistemáticas que possam ser testadas e criticadas através de provas empíricas. A investigação científica se inicia quando se descobre que os conhecimentos existentes, originários quer do senso comum, quer do corpo de conhecimentos existentes na ciência, são insuficientes para explicar os problemas surgidos. O conhecimento prévio que nos lança a um problema pode ser tanto do conhecimento ordinário quanto do científico.

É o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica.

[...] conhecimento científico: É racional e objetivo; atém-se aos fatos, transcende aos fatos. É analítico. Requer exatidão e clareza. É comunicável. É verificável. Depende de investigação metódica. Busca e aplica leis. É explicativo. Pode fazer predições. É aberto. É útil. (TEIXEIRA apud GALLIANO, 1979, p. 24-30).

Por exemplo: Descobrir uma vacina que evite a AIDS; descobrir qual é a importância das algas para o meio ambiente, descobrir novas fontes de energia não-poluente, etc.

Quando o homem sai de uma posição meramente passiva, de testemunha dos fenômenos, sem poder de ação ou controle dos mesmos, para uma atitude racionalista e lógica, que busca entender o mundo através de questionamentos, é que surge a necessidade de se propor um conjunto de métodos que funcionem como uma ferramenta adequada para essa investigação e compreensão do mundo que o cerca. O homem quer ir além da realidade imediatamente percebida e lançar princípios explicativos que sirvam de base para a organização e classificação que caracteriza o conhecimento. Através desses métodos se obtêm enunciados, teorias, leis, que explicam as condições que determinam a ocorrência dos fatos e dos fenômenos associados a um problema, sendo possível construir novos conhecimentos, novos saberes.

O conhecimento científico não atinge simplesmente os fenômenos na sua manifestação global, mas os atinge em suas causas, na sua constituição íntima, caracterizando-se, desta forma, pela capacidade de analisar, de explicar, de desdobrar, de justificar, de induzir ou aplicar leis, de prever com segurança eventos futuros. (TAFNER; SILVA; WEIDUSCHAT, 2007, p. 119)

A ciência exige o confronto da teoria com os dados empíricos. A teoria deve poder ser submetida a um exame crítico. Um enunciado científico, construído mediante hipóteses fundadas em teorias, deve poder ser contrastado com a realidade, deve poder ser submetido a testes, em qualquer época e lugar, e por qualquer pessoa. Isso faz com que a investigação científica estimule a criar fundamentos mais sólidos e a testar suas hipóteses de uma forma mais rígida e controlada. A ciência se vale da crítica persistente que persegue a localização dos erros, através de procedimentos rigorosos de testagem que a própria comunidade científica reavalia e aperfeiçoa constantemente. Esse método crítico de constante localização de dificuldades, contradições e erros de uma teoria, garante à ciência uma confiabilidade. “[...] As noções de experiência e verificação são essenciais nas ciências; o conhecimento científico deve ser justificado e é sempre passível

de revisão, desde que se possa provar sua inexatidão. [...]” (TAFNER; SILVA; WEIDUSCHAT, 2007, p. 119)

Por estar submetida a constantes retomadas de revisões críticas, é que uma teoria científica é aperfeiçoada e corrigida, garantindo seu enriquecimento e confiabilidade.

“Conhecer perfeitamente é conhecer pelas causas; saber cientificamente é ser capaz de demonstrar. O conhecimento científico difere do conhecimento vulgar e vai muito além deste.” (TAFNER; SILVA; WEIDUSCHAT, 2007, p. 125)

O conhecimento científico trata os resultados das pesquisas como eternas hipóteses que merecem constante investigação. Esse busca, sobretudo, a verdade, com consciência da necessidade dessa busca, expondo as suas hipóteses às críticas, livre de crenças e interesses pessoais, conclusões precipitadas e preconceitos. Embora não se possam alcançar todas as respostas, o esforço por conhecer e a busca da verdade continua a ser a razão mais forte da investigação científica.

A importância do conhecimento científico

O ser humano é geneticamente social, ele vive em comunidades onde tudo o que acontece afeta, mais ou menos, a todos. Além disso, é bastante curioso, logo, alguém que necessita do conhecimento.

Para tanto, faz-se necessário que estejamos atentos ao sentido da pesquisa, tanto em seu sentido lato como busca de conhecimentos, quanto em seu significado estrito como criação de novos conhecimentos à luz do acervo cultural estabelecido pela tradição.

Desde Aristóteles, os homens reconhecem como "natural" o desejo de conhecer. Mas a maneira pela qual cada um desenvolve esta "busca", esta "pesquisa", não é a mesma. Deve-se distinguir, em outros termos, o sentido mesmo da pesquisa nas diversas áreas do saber. A criação de conhecimentos novos depende da apropriação de conhecimentos já estabelecidos. A apropriação de conhecimentos que a humanidade produziu até o momento se dá de modo

crítico e sistematizado, eminentemente. E é na escola (todos os níveis, a contar da primeira etapa da educação básica), de forma ordenada e metódica, que isso acontece. É necessário ultrapassar-se o nível, do senso-comum que acredita que a pesquisa científica seja evidente.

Pesquisar parece algo evidente. Porém, a pesquisa científica deve responder a alguns quesitos específicos para que sua cientificidade possa ser aceita. Por esse motivo, não se concebe mais uma universidade, por exemplo, que não prima pela pesquisa. Que sentido tem uma universidade que não elege a prática da pesquisa como um dos pilares essenciais em sua práxis? Será essa uma universidade criativa ou simplesmente conservadora, reprodutora, meramente informativa onde alguns "falam" - os professores - e muitos "ouvem" - os alunos? É nas instituições de ensino, principalmente, onde são produzidos e construídos os conhecimentos. A iniciação à pesquisa científica, ao conhecimento científico, deverá mostrar-se, principalmente dentro das Universidades na sua correlação com as diversas dimensões da tarefa que a Universidade se atribui. A mediação entre o homem e o mundo não será então simplesmente simbólica, mas técnica, da ordem da ação, da prática. O conhecimento científico dar-se-á através da reflexão-ação-reflexão, onde os conhecimentos existentes servirão de base para a construção de outros, onde toda investigação é feita de um vaivém entre a reflexão, o conceito, a aplicação - entre a teoria e a prática.

A relação contemplativa ou teórica da realidade cede o lugar à relação de manipulação, de intervenção e de transformação dessa. A sociedade encontra-se, de certo modo, acabrunhada, sufocada pela crescente racionalidade dos meios, mas incerta quanto aos seus fins. Mudanças de toda ordem e nível ocorrem sem que se tenha a possibilidade de assimilar criticamente a gênese e o sentido destas mudanças e os seus impactos sobre o conjunto da sociedade. Os indivíduos sentem-se como que ameaçados por tais alterações sociais, culturais, econômicas e políticas vendo diminuída sua capacidade de enfrentar todas as questões daí provindas. Estamos em meio a uma revolução cultural global. Em todas as áreas do conhecimento humano paradigmas são questionados. Novos paradigmas epistemológicos surgem reorientando as visões de mundo.

Questionam-se formas de comportamento, atitudes, ideologias. Aspira-se por novos valores éticos que orientem a conduta nas diversas atividades humanas, por tudo isso é que o conhecimento científico torna-se absurdamente relevante.

A extensão do conhecimento supõe pesquisa e essa deve ser divulgada, porém, sem se distanciar dos saberes, dos conhecimentos já adquiridos pela humanidade. A pesquisa visa o poder sobre as coisas e em última análise sobre o próprio ser humano. Não importa o campo de conhecimento escolhido, cada um, herdeiro do saber acumulado, deve refletir sobre a atividade de pesquisa - sobre os seus fundamentos, os suportes e fatores sociais, as finalidades culturais que a explicam e determinam; interrogar-se sobre a natureza, os limites e as possibilidades do conhecimento: dominar a natureza transformá-la, adaptá-la às suas necessidades - conhecimento científico.

Não se pode esquecer e muito menos negar que todos trazem consigo uma bagagem de conhecimentos, saberes anteriores e paralelos, obtidos na vida cotidiana. Há uma espécie de pré-saber, de uma pré-compreensão que antecede o conhecimento científico. Trazem também seus gostos, aptidões, o seu projeto de realização pessoal e profissional - aprender não é exatamente passar da ignorância ao saber.

Considerações finais

A vida de contemplação, ou o conhecimento científico é reservado somente a alguns poucos.

Introduzir-se no campo da investigação científica implica, em não se contentar a ser mero receptor de informações, sejam elas já sistematizadas ou esparsas.

Uma das finalidades do conhecimento científico é promover a autonomia de pensamento e de reflexão crítica, despertar a espontaneidade e o espírito de criatividade. A atividade científica é empreendimento de um ser pensante, criativo,

à procura de compreensão da realidade que o envolve e com a qual está interagindo.

O conhecimento científico é diferente, entre outros aspectos, porque os enunciados, conclusões, hipóteses ou teorias não constituem meras opiniões, mais devem estar sustentadas em provas, dados empíricos ou respaldo de natureza teórica. Esta justificação do conhecimento científico é também chamada **argumentação**, definida, por exemplo, como a capacidade de relacionar dados e conclusões, de avaliar enunciados teóricos à luz de dados empíricos ou outras fontes (grifo nosso).

Antes de podermos fazer qualquer afirmação sobre o mundo, devemos ter tido experiências sensoriais. O conhecimento científico é obtido **daquilo que se observa**, aplicando-se as regras do **método científico**. O conhecimento constitui-se em uma **síntese indutiva** do observado, do experimentado. A especulação, a imaginação, a intuição, a criatividade **não devem desempenhar qualquer papel** na obtenção do conhecimento. O verdadeiro conhecimento é livre de pré-conceitos, de pressupostos. As teorias científicas não são criadas, inventadas ou construídas, mas **descobertas em conjuntos de dados empíricos** (relatos de observações, tabelas laboratoriais, etc.). A teoria tem como função a organização econômica e parcimoniosa dos dados, do observado e a previsão de novas observações. Qualquer tentativa de ultrapassar o observado é destituída de sentido. O conhecimento científico é uma construção humana que **intenciona descrever, compreender e agir sobre a realidade. É provisório e sujeito a reformulações**. A obtenção de um novo conhecimento, sendo um ato de construção que **envolve a imaginação, a intuição e a razão**, está sujeito a todo tipo de influências. A inspiração para produzir um novo conhecimento pode vir inclusive da metafísica. Todas as fontes e todas as sugestões são bem-vindas. **A aquisição de um novo conhecimento se dá a partir dos conhecimentos anteriores**. Relutamos em abandonar o conhecimento, as teorias já existentes. O abandono de uma teoria implica em **reconhecer outra como melhor** (SILVEIRA, 2002, grifo nosso).

A relevância do conhecimento científico é, sem dúvidas, a busca de conhecimentos, tanto em seu significado estrito, como na criação de novos conhecimentos à luz do acervo cultural estabelecido pela tradição.

Outrossim, não basta somente a escola física estar preparada com banheiros, rampas, laboratórios e outros, se não tiver uma sala de aula preparada. Começando pelos próprios pais em suas casas, depois por professores e diretores especializados.

Importante mencionar que o espaço físico é essencial para a educação inclusiva. O que se concluiu é que de uma maneira geral encontraram-se muitos fundamentos e uma legislação inclusiva no papel, todavia a espera de se tornar efetiva na prática. Assim, tem-se que as leis deram atenção especial à criança e ao adolescente, pois, eles deixaram de ser apenas destinatários de direitos, mas passaram a ser titulares de direitos e de proteção ante as suas especificidades.

Talvez, uma divulgação maior, um trabalho de mídia, com a explicação sobre os direitos inerentes à pessoa humana, e que atinja todas as regiões do Brasil, faça o poder público além de reconhecer e assinar leis que são a favor dos excluídos, incentivar e apoiar o que está constitucionalmente institucionalizado. Desta maneira, a sociedade informada, poderá se tornar apta para contribuir, no movimento de inclusão escolar e social. A par disso os mecanismos governamentais, tais como os conselhos, nacional, estaduais e municipais, poderão inclusive supervisionar e punir quando for o caso.

Deste modo, constitucionalizados, os direitos fundamentais asseguram a qualquer cidadão os direitos básicos para um Estado Democrático de Direito. Desta maneira é importante destacar uma sociedade que entenda e conheça sua Constituição para poder colocar em prática o que nela está escrito.

As barreiras que os excluídos encontram diminuíram, embora, ainda parece estar no ser humano a discriminação e a dificuldade de aceitação dos mesmos na sociedade. Isto não diminui e nem menospreza o excelente trabalho que profissionais da área, estão fazendo, procurando socializar seus conhecimentos e assim, materializar a inclusão de todos na sala de aula, conseqüentemente, na sociedade como um todo. No entanto, a cada dia se constata uma crescente

necessidade de se identificar e remover novas barreiras, articulando renovadas respostas frente aos desafios que precisam ser vividos no dia-a-dia, com otimismo e compromisso com um futuro mais justo para todos nós.

Muitas especializações relativas à inclusão social, a partir da percepção escolar, estão acontecendo e, portanto, se depender dos egressos desses estudos é possível vislumbrar, algo novo no que tange ao direito fundamental tão importante que é a educação inclusiva. Uma sociedade inclusiva e concretizadora dos direitos elencados na Constituição Federal.

Inevitavelmente, refletir sobre estas práticas é condição essencial para continuarmos avançando.

REFERÊNCIAS

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SILVEIRA, Fernando Lang da. **A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos**. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~lang/LAKATOSpdf>>. Acesso em: 19 jan. 2008.

TAFNER, J.; SILVA, A. C. da; WEIDUSCHAT, I. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Indaial: Ed. ASSELVI, 2007.

TEIXEIRA, G. **Metodologia da pesquisa científica: tipos de conhecimentos**. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1691>>. Acesso em: 18 jan. 2008.